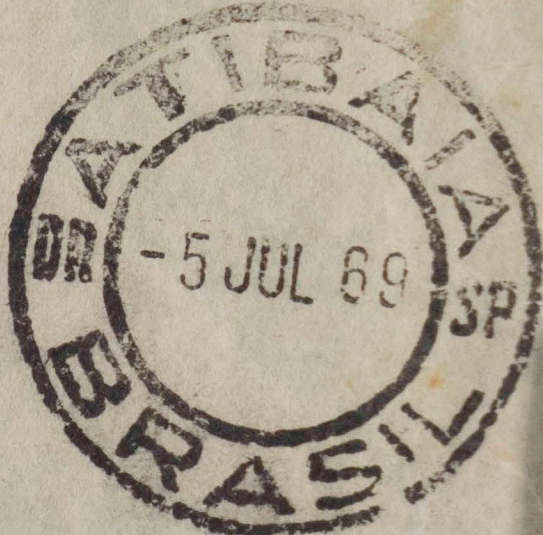


instituto de arte contemporânea

Sr.
IVAN SERPA
Museu de Arte Moderna do Rio
Caixa Postal 44
GUANABARA



100 JUL 1969

VIA AÉREA
PAR AVION

instituto de arte contemporânea



Remetente A. H. Amaral

Endereço r. Cardoso de Almeida 1346 ap 22

São Paulo

Caro Ivan,

São Paulo, 4 de julho de 1969

De três tempos, responde. Escrevi para informar pincas do Rio e para ordenar muitas ideias. Resposta se pede até o dia 14.

Iste é um breve relato do que aconteceu ontem, dia 3, na reunião da AIAP sobre a questão Bienal de São Paulo, Presentes cerca de 50 pessoas, entre as quais Nelson Leirner, Rezende, Fajardo, Mira Schendel, Fernando Lemos, Miriam Chiaverini, Vera Ilse, Iurdes Cedran, Leila Porto, Aldyr Mendes de Souza, Gilberto Salvador, Anésia Pacheco Chaves, Donato Ferrari, Fiaminghi, Amélia Toledo, Sacilloto, Paulo Chaves, Sergio Ferro, Spigel e eu, entre outros. Abriram-se os trabalhos presididos por Aldyr e eu li as cartas vindas de Paris anunciando o boicote à Bienal de SP. Comuniquei também à Assembléia minhas impressões sobre a posição dos artistas do Rio, convidados como Serpa, Weissman, Magalhães e Vergara, que não tinham intenção de participar e que eu achava que essa posição ^{devia} ser seguida por muitos artistas não convidados. Li também a carta da AIAP Rio manifestando repulsa à censura face aos acontecimentos da Bahia, B. Horizonte, Ouro Preto, Bienal de Paris

Toma a palavra Waldemar Cordeiro que vai anunciar a posição da ABCA, seção S. Paulo. Disse que houve da parte dos críticos reunidos anteontem certas ressalvas ao documento elaborado pela ABCA-Rio e que ele iria direto às resoluções sem ler sua introdução, que reputo um documento de maior importância. Propuz que fosse lida a introdução. Cordeiro reage e não quer ler. A assembléia quer ouvir o documento na íntegra. É lido e posteriormente ele passa a ler a resolução da ABCA-SP que diz em suma que a entidade participa, em vista dos acontecimentos de 68 e 69 (B. Bahia, etc..) juntamente com a ABCA-Rio na luta contra a censura. Nada mais. Não endossa as resoluções da ABCA-Rio nem indica outra forma de luta. Apenas "participa da luta da ABCA-Rio contra a censura". Abrem-se então as discussões sobre qual a posição da AIAP e dos artistas face ao problema MANDA OU NÃO MANDA À BIENAL. Entre outras intervenções Amélia Toledo diz que não manda porque não estava de acordo com os critérios da Bienal. Rezende não manda por motivos de ordem pessoal. Leirner acha que uma ^{PARTICIPAÇÃO} ~~participação~~ maciça, coletiva, caracterizando uma posição de protesto é mais eficaz que uma não participação. Que não é luta e sim omissão. Que a posição do artista de fora é diferente; que a nossa é de participar. Mandar para todos os salões. Fazer-nos presentes. Criar casos. Provocar sempre e mais a censura, a repressão cultural.

Cordeiro lê uma carta que recebeu de Pierre Restany na qual Restany afirma que ele teve que pedir demissão da Exp. Arte e Tecnologia por uma série de condições locais, mas que faria o possível para que um grande número de artistas participasse da mostra(!!!!). E que indicava o Cordeiro para montar a Exp. Arte e Tecnologia em SP. Cordeiro afirma que a sua posição é de contestação não à censura, que segundo ele sempre existiu no Brasil, mas de contestação à Bienal de SP que é uma instituição feudal, que Cicilo faz censura, etc. Aí alguns alertam o orador para o fato de que o problema mais importante no momento não era a estrutura da Bienal e sim a repressão cultural existente no país e que não podíamos ignorar esse fato. Cordeiro afirma então que não vai participar da B. e nem vai aceitar o convite da marota carta de Restany. "Marota" é por nossa conta.

Tudo isto, e evidentemente, num clima de maior confusão e intervenções violentas. Assistiam a assembléia Antunes Filho e Plínio Marcos que gostaram muito. Ficou claro que Maria Bonomi deve participar. A posição dela seria não recuar, não ceder espaço, participar. Se necessário criar confusão com a inevitável censura que será imposta à Bienal.

Faço uma proposta no sentido de que os artistas participem da luta contra a censura dos críticos através de um ~~documento~~ documento de repulsa à censura e que retiraríamos nosso representante da Comissão Técnica da B. e que em seguida discutíssemos alguma espécie de orientação para os artistas no sentido de ser adotada uma posição coletiva face ao problema MANDAR OU NÃO MANDAR. A proposta foi tumultuada, porém entrou-se objetivamente a discutir o assunto central. Os que achavam que o artista DEVE MANDAR apresentavam os seguintes argumentos:

1 - Como o jornalista que continua a escrever em seu jornal a despeito da clara censura à liberdade de imprensa, o artista não deve parar de pintar e expor seja onde for por

causa dessa mesma censura

2 - A posição dos artistas estrangeiros é diversa dos que aqui estão. Lá eles lutam dessa forma. Nós aqui devemos lutar participando, não dando sossêgo à censura. Criando casos. Criar sempre um problema a mais para a censura é positivo. A luta do artista plástico se caracterizaria por sua presença constante e perturbadora na área que lhe compete, salões, Bienais, galerias, museus, etc.

3 - A arma de luta do artista é sua obra; se ele não a expõe, não a mostra, o que fará? Guerrilha? Se ele limitar-se a expor apenas em galerias, o alcance de sua obra não seria menor? Não expondo não seria um recuo, não seria situar-se no plano de Portugal e Espanha, sem luta? É quase uma auto-censura. Se o crítico não quer fazer auto-censura, não a faça. Julgue, seleccione, premie e seja censurado. Da mesma forma o artista deve dizer presente, deve participar do máximo de atividades. Ser vítima da censura, se fôr o caso, mas não recuar.

4 - Não mandando para a B., a posição do artista frente aos demais salões oficiais ou não do país é problemática. Não participará mais? Não é a censura um fenômeno que se estende por todo o território nacional? Não apenas na B. de SP ela se manifestará mas também nos demais certames do país. Então, se não mandar para a B. não mais participará de um salão ad infinitum? Como será sua luta, como terá sua obra existência na sociedade?

5 - Que o fato de alguns não participarem terá repercussão apenas na área dos artistas; que uma participação criando uma crise poderá eventualmente ter uma repercussão maior, notadamente no plano internacional, dadas as condições atuais de nossa imprensa. Repercussão essa que engrossaria, "à moda da casa", a posição dos artistas de fora. Que a não participação pura e simples, sem uma exposição de motivos teria uma repercussão restrita apenas à área dos artistas. Um protesto por escrito não teria maior importância pois não seria publicável. Que não haveria unanimidade na decisão de não mandar e sim a ausência de uns substituída por outros, melhores ou piores.

Portanto, a não participação seria ineficaz na atual luta do artista plástico pela liberdade de expressão no país.

Os que advogaram NÃO MANDAR pra Bienal argumentaram que:

- 1 - Daríamos apoio ao movimento de recusa já iniciado por críticos e artistas no exterior
- 2 - Que a maioria dos artistas convidados já recusou, dando um exemplo que deveria ser de liderança para os demais artistas não convidados
- 3 - Que temos de partir de dados concretos para uma ação coletiva e que êsse dados concretos são as diversas recusas de artistas nacionais e estrangeiros.
- 4 - Que não devemos prestigiar a B., instituição esclerosada e feudal
- 5 - Que os critérios de seleção e o regulamento não respondem às reais necessidades da arte brasileira atual.

Enfim, após acalorados debates nada ficou positivamente resolvido. Porém, todo mundo saiu mais informado sobre o que pensam os outros artistas, os críticos, etc. Ficou marcada para o dia 10 mais uma derradeira assembléia para tratar do assunto Censura - Bienal. Devemos, é claro estabelecer uma posição para hoje, amanhã e o ano que vem frente a êsse problema que se nos apresentará cada vez mais grave.

Foram convidados para expor "hors concours" pela diretoria da Bienal, Ianelli, Volpi e Flexor que estão inclinados a participar, caso não haja nenhuma outra posição coletiva.

Enfim, a realidade conhecida em SP no momento é esta. Pessoalmente, estou ainda em dúvida, porém, inclinado a acreditar novamente em meu primeiro argumento: tentar mandar pra dentro da Bienal minhas bananas é mais positivo do que não comparecer à seleção das 25 vagas.

Continuo pensando e se nenhum fato novo vier nos próximos 10 dias modificar a atual situação envio meus trabalhos ao júri de seleção da Bienal.

Seria bom que os artistas aí do Rio soubessem do que se passa aqui em SP (não apareceu ninguém na assembléia, embora avisados) para poderem resolver melhor o problema de MANDAR OU NÃO MANDAR à Bienal.

c/c. ~~_____~~

Ferreira Gullar

Mario Pedrosa

Ivan Serpa

Frederico de Moraes

Carlos Vergara

Ana Leticia

Ricardo Gatti

O que acha?

— abraço do amigo

A. Tenis Henrique A.

Destinatario SP

Data: 14 - 69

autor: Henrique Amaral
assunto: Carta relatorio dos debates feitos em
São Paulo sobre a Bienal. Censuras,
Boicotes... parte que a carta foi en-
viada tambem para Ferreira Gullar,
Amaro Pedro, Frederico de Moraes, La-
los Vergara, Ana Bóhio e Ricardo
Gatti.

instituto de arte contemporânea